

BERNARDO E SEU AUDITÓRIO: UMA RELAÇÃO DE CUMPLICIDADE**Jaciara Ornélia Nogueira de Oliveira***

Resumo: O presente trabalho toma como corpus os sermões *In laudibus Virginis Matris*, escritos em latim por Bernardo de Claraval, datados do século XII e sua respectiva tradução em língua portuguesa feita por Ary Pintarelli, editada por Vozes, e visa observar, a partir dos pressupostos da Nova Retórica inaugurada por Chaïm Perelman e Lucie Obrechts-Tyteca, a construção do auditório pelo orador e, ainda, analisar as condições de argumentação que permitem a realização de uma comunhão efetiva dos “espíritos” através da relação de “cumplicidade” do orador e do seu auditório.

Palavras-chave: Auditório; Orador; Argumentação; São Bernardo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado a um projeto de pesquisa sobre a argumentação já em desenvolvimento e que inclui alunos de iniciação científica. Pretendemos com esse projeto desenvolver estudos sobre a argumentação em textos religiosos, especificamente a partir da obra de Bernardo de Claraval.

Bernardo de Claraval, hoje conhecido na Igreja como São Bernardo, já que foi canonizado em 1153 (apenas 12 anos após sua morte) pelo papa Alexandre III, foi Padre e Doutor da Igreja; por sua dinâmica e dedicação constante, tornou-se o Abade de Claraval. Foi político-eclesiástico, religioso, filósofo e escritor e representou um marco para o século XII, acertadamente chamado o século de São Bernardo.

E, de fato, entre outros aspectos, Bernardo é conhecido na história como poderoso homem político e eclesiástico, como pregador de cruzadas, reformador da Igreja, adversário das heresias, defensor dos hebreus, místico profundo, fiel devoto de Maria, asceta, escritor profundo e claro. (PINTARELLI, 1999, p.11)

[...] esse homem extraordinário se sobrepôs a todas as figuras representativas do século em que viveu; dominou a Idade Média inteira, e representa na história do Cristianismo e da humanidade um desses poucos pontos culminantes de onde se contempla tanto o tempo como a própria eternidade. (LIMA, 1958, p.11)

Por causa da fluidez do seu discurso foi consagrado *Doctor Melifluus* e *Doctor Marianus* por sua devoção a Maria. Bernardo foi explicitamente e com sucesso, nos diz Oliveira (2004, p.35), um grande mestre espiritual, não se limitou ao testemunho silencioso, mas falou, pregou, escreveu. Os sermões constituem quase a metade da sua obra. Entre os *Sermones de Tempore*, os sermões *In laudibus Virginis Matris* que selecionamos para a nossa pesquisa. Trata-se de quatro homilias, precedidas de um prefácio e arrematadas com um epílogo que podem ser consideradas um breve e juvenil tratado de mariologia. Essas homilias são também chamadas de *Super Missus*

*Licenciada em Letras com Francês pela Universidade Federal da Bahia, Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Universidade Católica do Salvador, Mestre e Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta do Curso de Letras, Comunicação e Pedagogia da Universidade Católica do Salvador, Professora Adjunta de Língua Latina da Universidade do Estado da Bahia, Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens.

por causa das primeiras palavras do Evangelho: “*Missus est angelus Gabriel a Deo*”. ‘O anjo Gabriel foi enviado por Deus’ e, segundo Thomas Merton (1958, p. 44), constitui-se em uma das mais belas páginas saídas da pena de Bernardo.

O sermão não só complementava as leituras litúrgicas da missa, servia também para a reflexão cotidiana das verdades do Evangelho. Enquanto pregação oficial da Igreja, expressava também o seu caráter hierárquico: proclamada por representantes autorizados da Igreja que falavam ou escreviam de sua “cátedra” assuntos doutrinários ou teológicos, esclarecendo para os crentes as proposições do Livro Sagrado que continham um único significado. Embora seu interesse fosse muito mais pastoral do que retórico já que se destinava mais a lembrar verdades já conhecidas, sabidas do que a transmitir novos ensinamentos, os pregadores não se limitavam a repeti-lo, pura e simplesmente, mas primavam pela utilização de argumentos capazes de consolidar a fé e ratificar as verdades do Evangelho. (OLIVEIRA, 2005, p. 2)

Ainda segundo Oliveira (2004, p.38), esses sermões *In laudibus Virginis Matris*, nos quais Bernardo se propõe interpretar a períclope da anunciação em Lucas, não se devem a nenhuma festa litúrgica e nunca foram pronunciados: colocar sobre forma de homilia, com estilo oral, exortações morais e um ensinamento doutrinário esse comentário do Evangelho é, apenas, um recurso literário.

O movimento dos seus períodos segue as leis da oratória e suas frases, particularmente incisivas, tornam-se verdadeiras máximas da vida cristã. Isso se deve à educação humanista que ele recebeu. A fim de obter os melhores resultados da persuasão, o Abade de Claraval sabia manejar a retórica com maestria; para prender e convencer o seu público, constituído principalmente dos seus monges, ele os incita à “cumplicidade”, a se sentirem co-responsáveis na obra da salvação:

- ❖ *Non puto. Plena quippe sunt omnia supernis mysteriis, ac caelesti singula dulcedine redundantia, si tamen diligentem habeant inspectorem, qui noverit sugere mel de petra olemque de saxo durissimo. (p.107)*

Na verdade, todas essas palavras estão cheias de profundos mistérios, e cada uma delas derrama celeste doçura **se houver alguém que as medite com diligência** e saiba sugar o mel da pedra e o óleo da rocha duríssima. (p. 28)¹

O ORADOR E O AUDITÓRIO

Todo discurso tem um contexto e, conseqüentemente, um auditório ao qual ele é dirigido. A relação que se estabelece entre o orador e seu auditório é, essencialmente, retórica; assim, entendemos que a adaptação do orador ao auditório e vice-versa é uma condição prévia para a persuasão. Há de existir, pois, uma certa “cumplicidade” orador/auditório para que o discurso possa atingir o seu verdadeiro objetivo. Nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 16):

[...] quando se trata de argumentar, de influenciar, por meio do discurso, a intensidade de adesão de um auditório a certas teses, já não é possível menosprezar completamente, considerando-as irrelevantes, as condições psíquicas e sociais sem as quais a argumentação ficaria sem objeto ou sem

¹ Os exemplos em latim são retirados da edição bilíngüe latim/francês e a respectiva tradução de *Sermões para as festas de Nossa Senhora* do frei Ary Pintarelli.

efeito. Pois toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual.

Para que haja argumentação, é necessário, pois, que se realize, em um dado momento, a comunhão dos “espíritos”. Nenhum orador, nem mesmo o orador sacro, que trabalha com verdades inquestionáveis, pode descuidar do esforço de adaptação ao seu auditório. “Cabe aos ouvintes fazer os pregadores” (BOSSUET, apud Perelman e Obrechts-Tyteca, 1996, p.27)

É de fato ao auditório que cabe o papel principal para determinar a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores.

É a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina, em ampla medida, tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter e o alcance que lhes serão atribuídos.

Ora, a formação de uma verdadeira comunidade dos espíritos exige mais do que uma linguagem comum, é preciso que tenham, também, um objetivo comum. Para argumentar é preciso ter apreço pela adesão do auditório, pela sua participação mental; além disso, querer convencer alguém implica uma certa humildade, ainda que o que se vá dizer sejam verdades já conhecidas e inquestionáveis como a palavra do Evangelho. Assim expõe Bernardo no prefácio:

- ❖ *Libet ergo tentare id potissimus aggredi, quod saepe animum pulsavit, loqui videlicet aliquid in laudibus Virginis Matris [...] Ad quod sane opus faciendum, etsi nulla fratrum, quorum me profectibus dersevire necesse est, vel necessitas urgeat, vel utilitas moneat, [...] (p.104)*

Com prazer, pois, **tentarei** iniciar aquilo que muitas vezes desejei fazer: dizer algo em louvor à Virgem Mãe, [...] Embora não seja obrigado a realizar esse trabalho por alguma necessidade ou utilidade dos irmãos, cuja perfeição é preciso que eu busque, [...] (grifo nosso) (p.27)

E no epílogo:

- ❖ *Lectionem evangelicam exposui, sicut potui, nec ignoro quod omnibus placebit. Sed scio me ob hanc rem multorum fore indignationi obnoxium [...] (p.240)*

Expus o trecho evangélico **da forma que pude. Sei que não agradará a todos;** tenho certeza que muitos hão de indignar-se contra mim [...] (grifo nosso) (p.78)

Santana Neto (2005, p.31) explica que o acordo prévio entre orador e interlocutor/auditório diz respeito ao que mutuamente se concebe e admite como comum entre o orador e o auditório. Esse acordo, continua Santana Neto, exprime-se nas premissas da argumentação, as quais são acordadas previamente, explícita ou implicitamente, e são essenciais à argumentação e à comunicação. É a questão das crenças partilhadas. Toda argumentação se desenvolve em função do auditório ao qual ele se dirige e ao qual o orador tem por obrigação de se adaptar. Assim, a interação entre o orador e seu auditório se efetua necessariamente por meio da imagem que fazem um do outro; o bom andamento da partilha exige que à imagem do auditório corresponda uma imagem do orador.

Também Sobral (2005, p.57) afirma que:

Para uma boa argumentação é necessário conhecer bem aquele que se quer persuadir. Assim, toda a argumentação deve ser construída a partir do que o orador definiu ser o seu destinatário, ou seja, o auditório. Portanto, o conhecimento psicológico, sociológico e ideológico do auditório é fundamental à eficácia da argumentação.

Bernardo fala como representante maior da Igreja e, portanto, é o meio pelo qual o próprio Deus fala; o seu auditório particular, os seus monges e, posteriormente, o mundo cristão, auditório universal, crente e seguidor da doutrina cristã partilham assim da mesma crença e dos mesmos valores. Esses cristãos, comprometidos por opção de fé, a seguir os caminhos ditados pelo Evangelho, pelo Locutor único: Deus.

Sendo também monge, Bernardo ensinava aquilo que como monge vivia, meditava, acreditava e experimentava. Ele construía, então, o seu auditório a partir da convalidação de verdades já aceitas. Com seu discurso e sua diligência, busca Bernardo ratificar a fé e o compromisso dos seus monges, exortando-os a ouvi-lo de forma contrita e atenciosa:

- ❖ Quid sibi voluit Evangelista [...]? Credo quia noluit nos negligenter audire, quod tam diligenter studuit enarrare. (p.106)
- ❖ O que pretendia dizer o Evangelista nesta passagem? Creio que ele não queria que ouvíssemos de forma displicente aquilo que com tanta diligência ele se esforçou por contar.(p.28)

Bernardo constrói o seu auditório. Toda a sua obra homilética é o anúncio destinado à atualização da mensagem do cristianismo; é dirigido especialmente às pessoas que já fizeram seu ingresso na comunidade cristã e vivenciam as palavras do Evangelho. A palavra de Deus e o exemplo de Maria, portanto, iluminam as vicissitudes humanas em todas as dimensões para levar à exortação, à fidelidade do compromisso e à indicação aplicativa aos âmbitos, às circunstâncias, às escolhas e aos comportamentos da vida cotidiana.

Apontando Maria como modelo, Bernardo, baseado em princípios evangélicos já arraigados e conhecidos do seu auditório, se faz intérprete da secular tradição monástica que pregava a opção pela virgindade e a obrigatoriedade da humildade e atrai com suas palavras a adesão do seu auditório com a promessa do “Reino dos Céus”.

- ❖ *Laudabilis virtus virginitas, sed magis humilitas necessária. Illa consulitur, ista praecipitur. Ad illam invitatis, ad istam cogitis. De illa dicitur: “Qui potest capere, capiat”; de ista dicitur: “Nisi quis efficiatur sicut parvulus iste, non intrabit in regnum caelorum”.*(p.117)

A virgindade é uma virtude louvável; mas a humildade é mais necessária. A primeira é aconselhada, a segunda é prescrita; à primeira és convidado, à segunda és obrigado; da virgindade se diz: “Quem pode compreender, compreenda; da humildade, porém: “Se não vos tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus”. (p.32)

Fica claro que o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é condição prévia de qualquer argumentação eficaz.

Conhecia Bernardo o seu auditório, sua cultura e suas convicções. Entendia, o Abade de Claraval, que embora comprometidos por opção de fé, necessitavam de argumentos capazes de consolidar a crença e aprofundar na meditação da palavra divina.

Assim insistia em falar aos seus monges sobre os graus/degraus da soberba, sobre os graus/degraus da liberdade, sobre os graus/degraus do amor, sobre os graus/degraus da misericórdia, da temperança, da bondade, da penitência e da humildade.

Já dissemos que esses sermões provavelmente nunca foram pronunciados na forma em que estão redigidos. Isso, no entanto, não significa que Bernardo não tenha desenvolvido todas essas idéias na formação que dava aos seus monges, ou mesmo nas liturgias. De qualquer forma destinavam-se, sobretudo, aos seus monges que professavam o celibato e, portanto, uma vida

casta. Pois, entre eles poderia existir algum “virgem soberbo” a quem ele dirigia a sua advertência.

- ❖ *Quid dicis, virgo superbe? (p. 120)*
O que dizes, virgem soberbo? (p.33)

Ora, o voto de Maria foi um voto pessoal, equivalia a uma promessa, enquanto o voto dos monges era um voto público, que ele faz diante de Deus e diante dos homens. Apesar disso Maria não negligenciou a sua promessa, assim também, seguindo o modelo, não devem os monges negligenciar os seus propósitos. E, assim como o anjo confortou o coração de Maria, haverá de confortar o coração daqueles que ouvem e praticam a sua palavra. Bernardo, com esses argumentos, tenta persuadir o seu auditório da necessidade de meditar a palavra divina e lhes acena com a esperada salvação.

- ❖ *Illo quoque in tempore unus iste inter ceteros montes non modicus, beatus hic videlicet Evangelista, dum desideratum nostrae nobis salutis exordium suo mellifluo commendavit eloquio veluti perflante [...] (p.108)*
Exatamente naquele tempo, o nosso santo Evangelista, que é um monte não menos elevado que os demais, com melíflua eloquência nos descreveu o início da nossa esperada salvação[...] (p.29)

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p.22) destacam a importância do auditório e o define como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação”.

É necessário ressaltar, também, que o auditório não é apenas a quem o orador fala diretamente, mas também todas as pessoas a quem o discurso pode indiretamente alcançar. Esse conjunto, muito variável, pode ser até a humanidade inteira. Assim são os sermões de Bernardo, conforme explicita Oliveira (2005, p.8): “os sermões de Bernardo não são ditos mas redigidos, pois, é ao mundo inteiro e àqueles que estão por vir que suas exortações se dirigem”.

CONCLUSÃO

Bernardo falou para o seu auditório específico: os monges de Claraval, mas falou, também, para o auditório universal: toda a cristandade.

Ele não se restringe ao ensinamento monástico e teológico nem se limita ao conhecimento passivo do seu auditório; seus argumentos buscam, antes de tudo, aproximar-se do seu auditório e apoiar-se em suas paixões.

Animado pelo próprio espírito do auditório, como soe acontecer a todo grande orador, o Abade de Claraval consegue impressioná-lo e seduzi-lo, fazendo acontecer um elo de cumplicidade que propicia ao orador o momento quase sublime da persuasão e ao interlocutor/auditório a consolidação e confirmação de verdades já, anteriormente, aceitas e às quais Bernardo lhes exorta com palavras incisivas:

- ❖ *Quid tardas? Quid trepidas? Crede, confitere et suscipe! (p.228)*
- ❖ *Porque demoras? Por que hesitas? Crê, confia e acolhe! (p. 74)*

REFERÊNCIAS

BERNARD DE CLAIRVAUX. *A la louange de la Vierge Mère*. Sources Chrésiennes n. 0390. Introduction traduction et index par Marie-Imelda Huille; Joel Regnard. Paris : Du Cerf, 1993.

BERNARDO DE CLARAVAL, (São). *Sermões para as festas de Nossa Senhora*. Introdução tradução e notas de Frey Ary Pintarelli. Petrópolis: Vozes, 1999.

LIMA, Alceu Amoroso. Introdução. In: MERTON, Thomas. Bernardo de Claraaval: o último dos padres da igreja e a encíclica “Doctor Melifluus”. Petrópolis: Vozes, 1958.

MERTON, Thomas. *Bernardo de Claraaval: o último dos padres da Igreja e a encíclica “Doctor Melifluus”*. Petrópolis: Vozes, 1958.

OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. *Bernardo e Maria: autoridade, argumentação e fé*. Trabalho apresentado em Mesa Redonda no II seminário de pesquisa em análise do Discurso - Vitória da Conquista, 2005.

OLIVEIRA, Jaciara Ornélia Nogueira de. *Enlaces e desenlaces entre participios e gerúndios*. 2004. TESE (Doutorado em Letras e Linguística) Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia: Salvador.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico: retórica e argumentação*. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Lisboa: Asa, 1999.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Tradução de Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINTARELLI, Ary (Frei). Introdução, tradução e notas. In: BERNARDO DE CLARAVAL (São). *Sermões para as festas de Nossa Senhora*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTANA NETO, João Antonio de. *Processos argumentativos: estudo retórico de textos medievais*. Salvador: Quarteto, 2005.

SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles. *Faces da Argumentação: o acordo, a seleção dos argumentos e a história*. In *Discursos e análises III*. UCSAL, 2005.